A REALIDADE HISTÓRICO-CULTURAL BRASILEIRA E O PAPEL DA EDUCAÇÃO

1 — Já superamos o período "heróico", em que nossa mentalidade comprazia-se em enaltecer o País — sobretudo na sua vastidão e paisagens geográficas — sem compreender que tudo o que se tinha por mais grandioso constitui antes um desafio à inteligência do homem, ao seu esforço e à sua técnica, do que uma simples fonte de vaidade e de orgulho.

Nestes últimos setenta anos, e, mais particularmente, nos 2.º e 3.º quartéis deste século, desenvolveu-se uma reação contra aquela mentalidade retórica, em um dos movimentos mais fecundos para o conhecimento do Brasil, assim pelo número como pela qualidade de pesquisadores que surgiram, nos vários domínios da economia e da política, da sociologia e da antropologia cultural.

Todos sabemos que o Brasil é uma realidade vária e complexa. Num conjunto de constantes e variáveis, assinalemos alguns pontos essenciais à sua interpretação.

2 — E entre essas constantes, comecemos pela maior e mais profunda: — *A herança histórico-cultural portuguesa.*

Nela se podem buscar as origens e os laços mais fortes da unidade nacional. As fontes do sentimento comum, que se foi constituindo, lenta e progressivamente, através de todas as vicissitudes históricas.

É esse fato — observado no interior da comunidade nacional — "uma constante histórica que manifesta uma tendência irresistível para a unidade".

Indissoluvelmente ligadas — *unidade e diversidade* —, mantêm e têm mantido sempre um equilíbrio, em que as forças da união, operando sobre a base de uma herança histó-

---

Resumo de conferência pronunciada no Instituto do Ceará, em 4/10/77, pelo prof. José Teixeira de Freitas.

rico-cultural comum, agem em todos os ângulos, apesar das tensões e dos conflitos, como nos revela a história do Império e da República.

Esse é um ponto de tamanha importância que não tem passado despercebido a nenhum dos que estudaram a evolução histórico-social e cultural do nosso país.

Entre os elementos dessa cultura, será preciso destacar, de um lado, *o individualismo aventureiro e imperial, o realismo e o sentido pragmático* que caracteriza a cultura portuguesa e explicam o êxito notável da colonização de tão extensas regiões tropicais, e, do outro lado, *a tradição do humanismo jesuítico* que, implantada na metrópole, foi igualmente transplantada pelos lusitanos.

Dir-se-iam duas tendências, coexistentes no âmago de uma mesma cultura: uma, a dos descobridores, dos colonizadores, dos bandeirantes, dominados pelo espírito realista e pragmático com que se realizaram a conquista e a expansão territorial; e a outra, a dos clérigos, legistas e doutores, isto é, a das elites intelectuais, em que os jesuítas deixaram o selo da formação humanística, transferido por eles à colônia e em expansão durante três séculos.

Contudo entre uma e outra, separados e distintos, como dois mundos diferentes, não se estabeleceu um *regime de tensão,* mas, ao contrário, de acomodação e de concórdia.

Daí, dessa moldagem três vezes secular, a tendência à retórica e à improvisação. Esse idealismo (utópico, diria Oliveira Viana), sem fundamentação social suficiente. O desamor pela ciência e pela técnica e o fato de que as camadas mais cultas, desenraizadas de seu próprio meio, sempre se obstinaram em desconhecer as necessidades vitais do País e continuaram, por longo tempo, a limitar suas atividades à política, às profissões liberais e à literatura.

Mas essa concepção de vida e de valores, que se inseriu em nossa configuração cultural, está se transformando, e rapidamente, sob influências as mais diversas.

Já se diferenciam, e cada vez mais, de Portugal para o Brasil, as tendências psicológicas, os fatos intelectuais, concepções artísticas, embora utilizassem os dois povos a mesma língua. Já está quebrando a "forma" a que se refere Buarque de Holanda.

3 — Apesar dessa base de tradições culturais, não existe, como parece, um só, mas vários Brasis diferentes num só Brasil verdadeiro.

É essa a segunda linha-de-força a destacar.

Queremos dizer que, para a compreensão do Brasil, é preciso atender à extrema diversidade de áreas geográficas, econômicas e histórico-culturais. Áreas essas nitidamente marcadas pelas diferenças de meio físico, de evolução histórica e de tipos de exploração econômica.

Através da unidade da língua, da religião e dos costumes, o que se observa é uma diversidade de paisagens naturais, humanas e sociais.

Mas, acrescente-se, desde logo, que essa variedade, em qualquer dos seus aspectos — étnico, histórico ou cultural — constitui uma fonte de grandeza do País.

A diversidade de estrutura biotipológica da população, nessa multiplicidade de regiões, é muito mais um fator positivo do que um elemento negativo da civilização brasileira.

4 — E, como terceira observação, apresentamos esta particularidade de que cada uma das *regiões culturais* brasileiras corresponde a "um estádio histórico diferente".

Foi o que observou Pedro Calmon, quando declara que "o Brasil, socialmente, não é uma estratificação de classes, mas de épocas". "Não se divide em camadas humanas, mas em uma justaposição de séculos."

E o que estuda Charles Morazé, em *Les Trois Ages du Brésil*, são, exatamente, esses "ciclos de evolução desenvolvendo-se em compassos diferentes".

As três etapas, de duração desigual, em que, a seu ver, se processou a evolução do País, não se sucederam, mas se encontram disseminadas e, às vezes mesmo, juntas, acotovelando-se no espaço social.

É o que se poderia chamar a contemporaneidade ou justaposição de séculos ou de "camadas históricas".

"Assim, o viajante, como pondera Roger Bastide, penetrando no interior do País, passa sucessivamente da civilização contemporânea à sociedade colonial do século XVIII." "O Brasil, pois, permite ao sociólogo estudar *de visu* tipos de culturas desaparecidas da Europa e que não podemos conhecer senão pelos livros."

Ora, essas sobrevivências de velhas estruturas, costumes e mentalidades, em conflito com novas formas de vida, esclarecem muitos fatos, como tipos diferentes de comportamento político — de uma região para outra — e as flutuações constantes da estratificação social, econômica e cultural.

O Brasil é um imenso laboratório de sociologia experimental como qualificou Roger Bastide — em conseqüência da assimilação de culturas as mais contraditórias.

Daí decorreram — ao menos em parte, como observa Sérgio Milliet — os difíceis problemas da política brasileira.

5 — Para compreender os problemas brasileiros é preciso levar em conta dois outros fatos, sem cuja meditação não nos será fácil entender a direção e a intensidade de nossa escalada civilizadora.

Primeiro — o tipo característico de nossa expansão geográfica e social. Segundo — o retardamento da conquista do poder político em relação a essa expansão.

Enquanto na América do Norte — como observa Roy Nash — a marcha da civilização se processou como uma vaga humana, em marés sucessivas, *a mari usque ad mare,* do atlântico ao Pacífico, no Brasil, ela se desenvolveu como aos pedaços, de pontos diversos para direções diferentes.

Em lugar, pois, de um avanço de Leste para Oeste, houve uma expansão irregular, salpicando de pousos e povoações, de burgos e vilas, a vastidão do território, como, para usar a expressão de Roy Nash, estilhaços de granadas que explodissem em pontos diversos.

Mas, além desses fenômenos de massas e deslocamento de fronteiras, em direções várias, e, às vezes, opostas, que caracterizam a expansão, a conquista e o povoamento da terra, o outro fato importante, já notado por Oliveira Viana, é "a disparidade entre a área da expansão social e a área da influência política". "Essa espécie de heterocronia, entre a marcha territorial da sociedade e a marcha territorial do poder." "Essa discordância entre os dois perímetros — o social e o político — sendo este incomparavelmente menor do que aquele."

Esse fato é uma das causas das rebeldias em face do poder central, da presença constante das minorias oligárquicas, das tendências descentralizadoras e da expansão do caudilhismo, no Império, e do coronelismo, na República.

6 — Não é menos importante, para o conhecimento da evolução social, política e cultural do País, um fato que não tem sido analisado suficientemente.

Referimo-nos ao "divórcio entre as elites e o povo".

Tomando o termo "cultura" no seu sentido restrito e não em sua concepção antropológica, a cultura brasileira ficou sempre a de uma elite: — o povo não a assimilara.

Camadas de elites e camadas populares têm sido, entre nós, quase sempre impermeáveis.

O Brasil produziu, entretanto, uma cultura popular, rica e variada. Mas, sua elite era restrita demais para construir,

sobre esses fundamentos, uma cultura nacional mais estável e completa.

Foi para essa cultura popular que se voltou Sílvio Romero, já nos fins do século passado. Outros o seguiram depois, com suas pesquisas sobre a música e as artes populares, as lendas e o folclore, abrindo novas perspectivas a esses estudos, como Afonso Arinos, Mário de Andrade, Amadeu Amaral e Câmara Cascudo.

Mas essa cultura de *folk* — essencialmente popular — e a cultura das elites, hoje mais variada e mais rica, e mais estável e homogênea, ficaram em nossa história, como dois mundos distintos.

Se nessa cultura folclórica se misturaram e se fundiram, com a popular lusitana, as culturas africana e indígena, dando-lhe acentos originais, a das elites, essa enraizou-se no passado europeu que lhe pertenceu também, pelo povo que a transplantou — o português. Embora, até hoje, em alargamento de contatos culturais, receba influências francesas, inglesas, alemãs e norte-americanas.

Mas, apesar de suas origens, e apesar de todos os empréstimos feitos no Ocidente europeu, ela era, como é, brasileira. Exprime estados psicológicos, necessidades e aspirações, cria valores genuinamente nacionais, sem deixar de ser parte integrante da cultura ocidental.

As sucessivas influências europeizantes, que tão fortemente marcaram a cultura de nossas elites, não impediram que ela desenvolvesse seus traços originais, cada vez mais acentuados, como o demonstra o estudo dos movimentos de renovação, no século atual, e das figuras de maior relevo no campo da política e da educação, como nos domínios das letras, das artes e das ciências.

Ela ficou sempre, com suas qualidades e defeitos, na sua força e nas suas fraquezas, eminentemente brasileira. Pois, cada povo imprime nas suas criações o selo do seu gênio próprio.

7 — Em uma análise puramente espaciológica, sentimos que a realidade brasileira se caracteriza, hoje, por um fenômeno de INTEGRAÇÃO CRESCENTE DA CONSCIÊNCIA NACIONAL. Integração cujo sintoma mais evidente é a afirmação da Nação como um todo.

Esta integração atinge a plenitude de sua coesão interior no conhecimento objetivo dos diversos aspectos da realidade nacional.

Aqui está o primeiro papel da Educação, face à realidade brasileira: COMPETE A ELA MINISTRAR OS INSTRUMENTOS INDISPENSÁVEIS À ELABORAÇÃO DESTE CONHECIMENTO OBJETIVO.

O processo de integração a que aludimos introduziu a realidade brasileira numa fase de mutações bruscas.

Tal fase cria um problema social típico que poderíamos caracterizar pelo tempo de "desajustes" e sugere a idéia de inadequação entre dois elementos que deveriam coadunar-se. Quais esses elementos?

Utilizando as categorias concentuais de SIMMEL, diríamos que esses dois elementos são, por um lado, as *estruturas sociais* e, por outro, a *vida social.*

As *estruturas sociais* são o elemento estático da realidade social, os fatores de fixidez e permanência que garantem ao grupo sua identidade consigo mesmo, no tempo e no espaço.

A *vida social* é o elemento dinâmico. São as potencialidades biológicas e psíquicas do grupo em contínua transformação, em incessante ação criadora, com sua força de expansão demográfica, com suas características psicológicas, sua composição étnica, com suas aspirações e idéias coletivas.

Esta vida em expansão exerce continuamente pressão nas estruturas. Por outras palavras, as estruturas são continuamente distendidas por dentro, pela dinâmica da vida, que se orienta nas direções mais inesperadas.

Daí os desajustes, daí a sensação coletiva de um problema social.

Sob o ângulo desta conceituação caminhamos para uma interpretação do problema social brasileiro e de nossa atual conjuntura sociológica.

Se o nosso problema social se formula em termos de desajuste entre as *estruturas* e a *vida*, sua solução só pode ser equacionada em termos de *vitalização das estruturas.*

A esta altura, podemos caracterizar qual o segundo papel da Educação no atual complexo brasileiro: — compete-lhe, justamente, SER UM DOS FATORES DESTA VITALIZAÇÃO DE NOSSAS ESTRUTURAS SOCIAIS.

Cabe-lhe auscultar as pulsações dessa vida coletiva, interpretá-las com exatidão e objetividade.

O educador é como o sociólogo: permite o diálogo entre os que vivem e os que legislam. Entre os elementos vitais e os elementos estruturais da realidade social.